

Mulher negra no mundo do trabalho: identidade étnico-racial na educação profissional

Cecília Conceição Moreira Soares
Pedro Paulo Fonseca dos Santos
Antônio Mario das Virgens
Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

O presente artigo **Mulher negra no mundo do trabalho: identidade étnico-racial na educação profissional** apresenta resultados de análise de material da pesquisa sobre a educação profissional, no curso de Logística e Transporte, com ênfase na formação profissional de jovens negras enfatizando sua autoestima e aspectos relacionados às questões identitárias de gênero, raça/cor e classe. Foram realizadas entrevistas e analisadas as práticas educativas para o mundo do trabalho, investigando a atuação dos profissionais em educação à frente de salas de aulas, enfatizando a questão da autoestima e identidade étnico-racial das mulheres negras enquanto alunas do curso. O *lôcus* de pesquisa selecionado é o Centro de Ensino em Educação Profissional (CEEP) em Logística e Transporte Luiz Pinto de Carvalho, em Salvador-Bahia, a escolha do mesmo se baseia na percepção de que a área de formação ofertada por esse centro é vista como potencializadora para inserção no mundo do trabalho. A educação e a formação para o trabalho, historicamente, se apresentam como caminho mais viável de promoção social e enfrentamento das desigualdades. Essas entrevistas foram realizadas tendo como base as orientações do comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, cujo projeto foi submetido e aprovado.

Palavras-chave: Educação Profissional. Mulher Negra. Identidade. Gênero. Raça.

Mujer negra en el mundo del trabajo: identidad étnico-racial en la educación profesional

Resumen

El presente artículo Mujer negra en el mundo del trabajo: identidad étnico-racial en la educación profesional presenta resultados de análisis de material de la investigación sobre la educación profesional, en el curso de Logística y Transporte, con énfasis en la formación profesional de jóvenes negras enfatizando su autoestima y aspectos relacionados con las cuestiones identitarias de género, raza / color y clase. Se realizaron entrevistas y analizaron las prácticas educativas para el mundo del trabajo, investigando la actuación de los profesionales en educación al frente de aulas, enfatizando la cuestión de la autoestima e identidad étnico-racial de las mujeres negras como alumnas del curso. El objetivo de investigación seleccionado es el CEEP en Logística y Transporte Luiz Pinto de Carvalho, en Salvador-Bahia, la elección del mismo se basa en la percepción de que el área de formación ofrecida por este centro es vista como potencializadora para inserción en el mundo del trabajo. La educación y la formación para el trabajo, históricamente, se presentan como un camino más viable de promoción social y enfrentamiento de las desigualdades. Essas entrevistas se realizaron teniendo como base las orientaciones del comité de ética de la Universidad del Estado de Bahía - UNEB, cuyo proyecto fue sometido y aprobado.

Palabras clave: Educación Profesional. Mujer negra. Identidad. Género. Raza.

Black women in the world of work: ethnic-racial identity in professional education.

Abstract

The present article Black women in the world of work: ethnic-racial identity in professional education presents results of material analysis of research on professional education, in the course of Logistics and Transportation, with emphasis on vocational training of young blacks emphasizing their self-esteem and aspects related to identity issues of gender, race / color and class. Interviews were carried out and the educational practices for the world of work were investigated, investigating the work of professionals in education in front of classrooms, emphasizing the issue of self-esteem and ethnic-racial identity of black women as students of the course. The selected locus is the CEEP (Center of Education in Professional Education) in Logistics and Transportation Luiz Pinto de Carvalho, in Salvador-Bahia, the choice is based on the perception that the training area offered by this center is seen as a potential for insertion in the world of work. Education and training for work, historically, present themselves as the most viable path of social promotion and coping with inequalities. These interviews were conducted based on the guidelines of the ethics committee of the State University of Bahia - UNEB, whose project was submitted and approved.

Keywords: Professional Education. Black woman. Identity. Genre. Breed.

Les femmes noires dans le monde du travail: identité ethnique et raciale dans l'éducation professionnelle

Sommaire

Le présent article Les femmes noires dans le monde du travail: l'identité ethno-raciale dans l'enseignement professionnel présente les résultats de l'analyse matérielle de la recherche sur la formation professionnelle, dans le domaine de la logistique et des transports, en mettant l'accent sur l'estime de soi. liés aux questions d'identité de genre, race / couleur et classe. Des entrevues ont été menées et les pratiques éducatives du monde du travail ont été étudiées, examinant le travail des professionnels de l'éducation devant les salles de classe, en insistant sur la question de l'estime de soi et de l'identité ethnique et raciale des femmes noires en tant qu'étudiants. Le locus choisi est le CEEP (Centre d'Éducation Professionnelle) en Logistique et Transport Luiz Pinto de Carvalho, à Salvador-Bahia, le choix est basé sur la perception que l'espace d'entraînement offert par ce centre est vu comme un potentiel d'insertion dans le monde du travail. Historiquement, l'éducation et la formation au travail se présentent comme la voie la plus viable de la promotion sociale et de la gestion des inégalités. Ces entretiens ont été menés sur la base des directives du comité d'éthique de l'Université d'État de Bahia - UNEB, dont le projet a été soumis et approuvé.

Mots-clés: Formation professionnelle. Femme noire. Identité Genre. Course

Introdução

O presente artigo pretende analisar a atuação dos professores para uma educação profissionalizante de jovens e adultos negros, particularmente os do gênero feminino. Também propomos a análise da percepção da formação das estudantes negras sobre o processo de ensino-aprendizagem em disciplinas específicas para atuação na área e as abordagens sobre as relações étnico-raciais perpassando as relações no mundo do trabalho, enfatizando a questão da autoestima e identidade étnica-racial para as mulheres negras¹. O *lócus* da pesquisa selecionado é o Centro de Ensino em Educação Profissional (CEEP) em Logística e Transporte Luiz Pinto de Carvalho, localizado na

1 O termo Mulher Negra tem conotação abrangente para mulheres identificadas como mestiças, pardas, ou que se autodeclarem negras, considerando a origem familiar e traços fisionômicos que evidenciam a matriz racial;

cidade de Salvador-Bahia.

Nos últimos trinta anos o movimento feminista mudou suas formas de atuações devido, sobretudo, as novas demandas, contradições sociais que inevitavelmente levaram a diversidades de lutas e enfrentamentos estratégicos para conquista e manutenção de direitos civis. Para o movimento de mulheres, algumas variáveis foram analisadas e os conflitos intragênero foram evidenciados, fazendo emergir as diferenças entre classe, cor/raça, por exemplo. Essas diferenças de pertencimentos são perceptíveis ao analisarmos dados estatísticos que registram as posições mais submissas para mulheres negras em relação a outros grupos sociais. No mundo do trabalho o distanciamento se recrudesce, considerando principalmente a variável educação e competências para habilitarem-se a posições diferenciadas na sociedade. (Pinheiro *et al*, 2008).

O tema da pesquisa foi abordado no grupo de pesquisa Gepmab (Grupo de Pesquisa e Estudo da Memória Afro-Baiana), criado com o objetivo de analisar e discutir a memória afro baiana no que tange aos aspectos da cultura, trabalho, arte e religião e a abordagens de temas como raça/cor/etnia, gênero, identidade e territorialidade² e pelos alunos na disciplina Educação e Relações Étnicas Raciais/2012.1, no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia- Campus I. Nos dois momentos os questionamentos dos alunos sobre currículo, ensino e profissionalização, relacionados à questão de gênero e raça, mereceram destaques. Atualizávamos as trajetórias de mulheres negras desde a escravidão até a contemporaneidade, tomando como base a pesquisa desenvolvida no mestrado em História Social, intitulado Mulher Negra na Bahia no Século XIX³.

Embora as análises para o campo do trabalho associado ao perfil dos trabalhadores e lugares ocupados não seja nova, no momento em que sofremos os reflexos das políticas econômicas internacionais e locais, as questões da formação para o trabalho e das práticas políticas identitárias, considerando a questão racial, vem merecendo pertinentes reflexões que reverberam nos discursos em defesa da mulher e em políticas de gênero enquanto categoria social.

Particularmente, para a área educacional considerando a dinâmica da economia liberal, da competitividade e das habilidades individuais, as discussões com os alunos foram direcionadas para ensino de jovens e adultos e formação profissional com vista a apreensão dos significados ocultos dos processos de socialização do conhecimento tecnicista e sua relação com os sujeitos sociais diretamente envolvidos nas políticas educacionais. A questão de gênero e raça sobressai, pois, os discentes foram levados a estimularem um pensamento crítico sobre o lugar da mulher negra

2 O grupo sob minha liderança foi implantado no Departamento de Educação, Campus I na Universidade do Estado da Bahia, certificado pelo CNPq.

3 O trabalho teve como objetivo analisar as estratégias de vida e busca pela liberdade de mulheres negras e mestiças, escravas, libertas e livres no século XIX na Bahia.

na contemporaneidade da produção, trabalho, renda e sua estreita ligação com o processo de capacitação e os lugares em que atuam nas novas modalidades de conhecimento e produção. O conceito de mulher negra foi ampliado para negras-mestiças considerando a composição multiétnica das alunas que compõem o curso de Logística e Transporte. De modo geral, podemos afirmar que a educação profissional na Bahia é majoritariamente composta por pessoas negras-mestiças.

Mais importante é reconhecer que nessa modalidade de educação profissional, o papel do professor formador é importante como instigador das mudanças para relações sociais, quando utilizam no processo de ensino aprendizagem os instrumentos metodológicos e teóricos que sirvam como arcabouço às questões identitárias e raciais, principalmente para as mulheres em cursos profissionalizantes. A premissa tornou-se elemento chave para as reflexões e posturas sobre os que cursam e/ou já são egressos da formação profissional, particularmente jovens negras-mestiças que direta ou indiretamente resistem a homogeneização dos padrões culturais e de grupos que minimizam a importância das diferenças e o direito às individualidades.

É justamente nesse campo de abordagem que convergiremos nossa investigação, pois, entendemos que o movimento político de mulheres é também movimento social, e não está dissociado das conjunturas locais e internacionais. Os adjetivos racistas cristalizados no pensamento brasileiro reforçam o alijamento de brasileiras que trazem o estigma da escravidão e dos lugares sociais ali delineados.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de reflexões sobre a relação entre ensino profissional e questões relacionadas à mulher negra-mestiça no mundo do trabalho, onde perpassa os recortes de gênero e raça, analisaremos a questão da autoestima, identidade étnico-racial e valorização profissional para mulheres negras a partir da atuação dos professores e das percepções e experiências vividas pelas jovens negras - mestiças da formação ao mundo do trabalho. A pesquisa possibilitará a investigação em instituição de ensino profissionalizante, nesse caso, o CEEP em Logística e Transporte Luiz Pinto de Carvalho, localizado no bairro do São Caetano em Salvador Bahia, corroborando as informações com os dados estatísticos oficiais e outras fontes de estudo.

A escolha do CEEP está relacionada a área de formação ofertada, vista como potencializadora para inserção no mercado de trabalho. Mas também, pelo perfil étnico-racial dos habitantes do bairro de São Caetano, território majoritariamente composto por uma população negra-mestiça, sobretudo jovens e adultos.⁴

A pesquisa contribuirá para o deslocamento da compreensão generalizante dos processos de formação para o trabalho, ao instigar a criticidade sobre os papéis femininos negros nos setores de produção e trabalho, desarticulado do

4 O Bairro de São Caetano era a fazenda Agomé, último reduto dos portugueses durante a luta pela independência, sendo o 4º maior subdistrito de Salvador, com 450.000 habitantes abrangendo uma área que vai do Largo do Tanque até Campinas de Pirajá.

reconhecimento das particularidades culturais e expectativas no sistema econômico.

O recorte temático atendeu às exigências do Edital N° 037/2012 do Programa de Estudos do Trabalho – Proet, convênio Superintendência da Educação Profissional – Suprof/ Secretaria de Educação do Estado da Bahia e Universidade do Estado da Bahia, Departamento de educação-Campus I. E com as políticas educacionais relacionadas ao ensino para o mundo do trabalho, ao propor a análise da participação feminina negra e a formação recebida considerando a atuação dos docentes e suas metodologias para elevação da autoestima, pertencimento social e direitos civis à mulher. A pesquisa foi iniciada em 2013, mas entrecortada por interregnos em virtude de problemas burocráticos que adiaram sua execução, foi retomada em julho/14, submetendo-se ao calendário escolar no Centro Pinto de Carvalho e com o da Universidade do Estado da Bahia. Essas ambiguidades no cronograma levaram à substituição de membros da equipe de pesquisa e professores parceiros, a mudança no ano letivo representou a perda de contatos com turmas em processo de conclusão de curso e já no estágio. Apesar disso, a retomada da pesquisa evidenciou a necessidade de aprofundamento dos nossos pressupostos, atualizamos dados e mais nos familiarizamos com o cotidiano do centro de ensino.

A investigação justifica-se, ainda, por retomar as discussões sobre a questão das competências e sua relação com a educação diante das exigências de produtividade e de inovação do sistema produtivo. Os anos 90 inauguram nova fase e a competitividade leva à política de recursos humanos às estratégias empresariais, trazendo para organização do trabalho o conceito de competência como base do modelo para gerenciar pessoas. As novas demandas pressionam os setores educacionais a se alinharem com as perspectivas no mundo do trabalho ao ajustarem seus currículos na formação do perfil profissional desejado. As políticas educacionais estão no bojo das reformulações econômicas e tentativas de estabilização da economia, (Deluiz, 1995).

No que tange as instruções do MEC (Ministério da Educação) e sua relação com as particularidades dos grupos sociais, as questões referentes a Cultura Africana e História do Negro no Brasil foram contempladas com as leis 10 639/03 e 11 645/08, mas pergunta-se de que forma a nova legislação reverbera na formação de mulheres negras educadas para o mundo do trabalho? Questiona-se as discrepâncias entre o sexo e as funções ocupadas? Os salários? As referenciais históricas e o alinhamento gênero e raça? Afinal, as questões atinentes a diversidade cultural sofre algum tipo de ingestão nas metodologias de ensino no ensino profissionalizante? Como conciliar valores: sociais e de mercado? Respeito à Diversidade X Competitividade, Concorrência, Empreendimento individual? Valores subjetivos perpassados pelos preconceitos raciais.

Educação profissional e políticas afirmativas

A educação profissional nos últimos anos passou por reformulações, atendendo a nova demanda do mercado e a inclusão de uma ampla parcela da população. A partir dos anos 80 o modelo das competências profissionais começa a ser discutido, resultando na reestruturação do processo produtivo e pelo gerenciamento da organização do trabalho e formação dos trabalhadores de modo geral (Deluiz, 1995).

O tecnicismo da educação profissional no ensino médio, a priori, não indica qualquer proposta de análise para as questões relacionadas ao nosso objeto de pesquisa. Porém, esbarra-se na composição étnica e social dos alunos, geralmente integrantes da população negra-mestiça em Salvador. O conceito de formação profissionalizante, deve ser redimensionado observando-se as práticas metodológicas postas em prática pelo docente e as reações dos alunos envolvidos no processo. Trata-se de incentivar as reflexões sobre o binômio gênero e raça e os lugares ocupados mediante o aprendizado tecnológico e a disciplina que normatiza os comportamentos. Os dados em fontes oficiais e denúncias dos grupos militantes negros, já evidenciam a urgente reflexão nesse campo de educação e a inclusão dos jovens e adultos pertencentes as minorias sociais.

A gestão do trabalho incluiu como principal elemento a valorização dos altos níveis de escolaridade nas formas de contratação, evidenciando a incorporação das novas concepções no que tange ao perfil dos novos trabalhadores. A educação depara-se com o desafio de responder às necessidades do capitalismo moderno, ao formar para o mundo do trabalho, adequando ao currículo profissional os temas relacionados à individualidades e lutas coletivas de determinados grupos. É nesse sentido que justificamos o artigo apresentado, tentando descortinar as nuances das formações profissionais e os discursos pedagógicos e metodológicos que enfatizam as relações étnicas – raciais e de gênero no Centro de Ensino em Educação Profissional (CEEP) em Logística e Transporte Luiz Pinto de Carvalho de ensino para o mundo do trabalho em Salvador.

Embora se reconheça os ganhos advindos de todo movimento de mulheres desde os anos 70 do século passado, as políticas em que pesam o recorte étnico-racial estão longe de atenderem a urgência da promoção de mulheres negras em posições sociais consideradas subalternas. Acreditamos que uma prática docente não essencialista, mas comprometida em desvelar aspectos que estabelecem as diferenças entre os gêneros e valorização da mão-de-obra, atuem na elevação da autoestima e contribuam para a qualificação profissional pretendida. Mas, também, permitirá que essas trabalhadoras sintam-se menos submissas a normatização das posturas nas relações de trabalho e poder (Deluiz, 1995).

O termo Educação Profissional, compreende inúmeras outras expressões amplamente utilizadas, como: formação profissional, educação técnica, ensino técnico, formação

técnico-profissional, educação tecnológica, capacitação profissional, ensino profissionalizante. O objetivo dessa modalidade de ensino é a formação para o mundo do trabalho levando-se em conta técnicas de produção e critérios de produtividade. Partindo desse pressuposto, ressurte-se o conceito de uma abordagem capaz de evidenciar as concepções sobre gênero e raça, que perpassa a formação para o mundo do trabalho.

A educação profissional fortalece-se no novo contexto das relações econômicas e de produção, tendo que encarar desafios no processo de inclusão de setores sociais cujo peso e importância quantitativa é repensado considerando as revoluções industriais e as temporalidades historicamente constituídas. Uma de suas principais finalidades é fazê-los participar da geração de riquezas na medida em que instrumentalizados tecnicamente falando, resultando em mão de obra fundamental e habilitada para sustentar as etapas de produção industrial, força impulsionadora das condições de desenvolvimento tecnológico. Considerando esse eixo, a educação profissional quando pensada particularmente para a categoria social negros e mestiços, com recorte para a população feminina, evidencia as controvérsias dos discursos e práticas excludentes, cujo fator cor/raça e gênero são aspectos que influem quando não determinam a aceitação e o uso indiscriminado da mão de obra. A história das mulheres operárias já foi contada por Michelle Perrot (1998) no livro *Os excluídos da história*, porém não foi objeto de investigação a questão racial, aqui considerando a localidade em que se deram a pesquisa. Decorrido todo esse tempo, permanece a lacuna em relação a inclusão de mulheres negras em setores historicamente masculinos, como as funções técnicas e especializadas, ou em setores cuja presença masculina é evidente nas funções de comando e subordinados.

A investigação priorizou analisar a formação educacional, o currículo para o curso de Logística e Transporte no Centro Pinto de Carvalho. E os lugares ocupados pelas mulheres negras mestiças que vislumbram na formação possibilidades de ingressarem ou manterem-se no mundo do trabalho ao agregar a formação técnica em áreas concorridas e interessantes nas relações produtivas. A inexistência de um componente para o estudo das relações étnico raciais, a priori, não deveria ser condição para a não acolhida dessa matéria, em que pese a população e a corrida das mulheres afrodescendentes e de baixa renda, impulsionadas pela propaganda crescente de êxito profissional e ascensão econômica e prestígio social, ao romperem com o exercício das atividades clássicas como, por exemplo, no setor doméstico.

Identidade étnico-racial e autoestima

No bojo dessa modalidade de ensino a questão da identidade merece abordagem detalhada. Consideramos a identidade enquanto algo fluido e dinâmico, em processo contínuo de reformulações, e nesse sentido, concordamos com o autor Appiah (1997, p.248), ao considerar que “as identidades são complexas e múltiplas, e brotam de uma história de respostas mutáveis às forças econômicas, políticas e culturais, quase sempre em oposição a outras identidades”.

Já para Ferreira (2000, p. 46), identidade é um constructo que reflete um processo em constante transformação, cujas mudanças vêm sempre associadas a mudanças referenciais e a novas construções de realidade por parte dos indivíduos. Segundo Haesbaert (1999, pp .174-175), a identidade não deve ser encarada como algo estático, mas, como em constante movimento. Segundo Baumam (2005, p.19):

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.

A identidade deve ser compreendida enquanto processo contraditório e dinâmico, como nos advertiu Stuart Hall (2006, p. 13). “Dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

Para além das questões identitárias, a questão do gênero feminino negro se apresenta como outro aspecto a reivindicar análise específica. Segundo Scott (2000), o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. É necessário afunilar as interpretações na tentativa de dar conta dos nuances que envolvem a mulher negra e sua participação nas áreas produtivas, particularmente naquelas contempladas pela educação profissionalizante.

Nessas relações entre educação e trabalho, salientamos que o viés étnico racial em relação a Salvador evidencia a discrepância entre a população, gênero feminino negro e postos de trabalhos. Diante disso, é fundamental a revisão do conceito do racismo brasileiro que na compreensão de Guimarães (2005), é um tipo de racismo silencioso, grudento e brutal que exclui e marginaliza a população negra, mas de forma tão subjetiva a ponto de se tornar invisibilizado pela grande massa, ao ponto de se considerar a existência desse tipo de discriminação leva a pessoa a ser rotulada como radical e extremista. Para que possamos compreender as estratégias e os instrumentos para o enfrentamento a ausência de sistematização de uma discussão étnica sobre os lugares no mundo do trabalho para mulheres negras, nos valeremos da análise da

prática pedagógica docente de professores que em salas de aulas instrumentalizam suas alunas para a competitividade do mercado, mas que também promovem a continuidade dos estudos concomitante com os discursos identitários referendados na cultura negra e a ressignificação dos papéis sociais historicamente constituídos para mulheres negras.

Quando as alunas podem expressar seus sentimentos

Depois de alguns contatos com as alunas no Centro de Ensino, estabelecemos uma relação na qual evidenciar suas percepções sobre o curso e seu lugar social, tornou-se um diálogo corriqueiro cabendo aos pesquisadores estimular suas evocações e reflexões balizadas com o discurso histórico e antropológico, inter cruzado com momentos de suas narrativas de vida. Do lugar de onde falavam, bastava propor reflexões dentro da ótica do trabalho, e sobretudo, atentar para as questões raciais que emergiam nas falas de algumas e em outras permaneciam de formas subliminares.

Foram aplicados questionários com o objetivo de extrair informações sobre a escolha do curso, suas potencialidades, saber acerca das discussões de gênero e raça em algum momento do curso e como os professores abordavam ou não estas questões. Foi escolhido o curso de Logística e Transporte na modalidade Prosub, curso com o objetivo de capacitar alunos que já tinham o ensino médio, agregando a formação tecnicista, com duração de dois anos. Nesse curso encontramos na matriz curricular os componentes de filosofia, ética e direito do trabalho, sociologia, economia e mercado e psicologia das relações humanas. Esses componentes curriculares foram citados nas entrevistas, como exemplo das possibilidades discursivas em sala de aula, onde houve reflexões sobre as relações étnico-raciais ao atentar para o conjunto das alunas no que tange aos fenótipos, estética e cultura, podendo relacionar estes aspectos com a integração no mundo do trabalho e os lugares em que atuam.

Sobre as perspectivas que motivaram as estudantes a buscarem o curso profissionalizante de Logística e Transporte foram constatadas as seguintes respostas: Uma busca de inserção no *mercado de trabalho*; uma alternativa para o aumento da renda familiar; iniciação a carreira profissionalizante tendo como objetivo principal a entrada em universidades, cujos cursos apontassem similaridades com a temática até então estudada no CEEP. Existem também respostas que indicavam incertezas, influência de algum membro da família e outros registraram a falta de opção. Estas respostas denunciavam a falta de conhecimento das áreas de atuações propostas pelo curso. Para aquelas respostas em que encontramos referências ao “destaque do curso de Logística”, “acessibilidade ao mercado de trabalho”, “campos de atuação”, “por ser um curso que o mercado de trabalho necessita sempre de um profissional da área”, pode indicar que esses alunos foram instruídos ou buscaram conhecer as

possibilidades da atuação e inserção no mundo do trabalho. A expressão mercado de trabalho, ainda verbalizada frequentemente pelas alunas sugere que as mesmas não tenham sido orientadas sobre o conceito mais abrangente das expressões mundo do trabalho.⁵ E é nesse sentido, da necessidade de se discutir a prática docente na educação profissional, que faremos adiante a análise da atuação dos professores no curso particularmente de Logística e Transporte.

A questão da empregabilidade parece ser o motivo principal para a escolha do curso independente dos recortes de gênero, raça e mesmo faixa etária. Embora a formação das turmas seja de pessoas jovens na sua maioria, existem aquelas que retornaram à sala de aula na busca de uma melhor qualificação em áreas promissoras. Dessa forma, evidenciam a projeção para um futuro quando serão alocadas em empresas multinacionais, no setor de logística e “fazer a diferença”, “crescendo profissionalmente”. Todas essas respostas levam a crer que existe um otimismo muito grande na absorção pelo mundo do trabalho das alunas no processo de formação. Não foram observadas o registro acerca das dificuldades formativas ou mesmo da inserção futura nas empresas, embora sugeridos pela própria entrevista.

Esse último aspecto pode estar relacionado ao currículo do curso e desempenho dos professores nessas áreas. O CEEP anteriormente oferecia cursos para a Formação Geral a nível de ensino médio e seus professores estavam diretamente ligados as áreas de ensino. Segundo os dados da Secretária de Educação do Estado da Bahia em 2015, o Centro tem matriculado hoje apenas 21 alunos para a Formação Geral e 867 alunos para a Educação Profissional. Estes dados evidenciam a redefinição do seu quadro de professores, obrigando os da área de educação ligados particularmente a Humanidades, uma inserção na Educação Profissional e muitas vezes conflitantes com sua formação humanista ou aquém da capacidade inovadora em adequasse ou mesmo propor reflexões assimilando as novas tendências da formação. É evidente, que essa capacitação também está atrelada aos projetos políticos da Secretária de Educação.

Embora a formação de especialistas em Educação Profissional na Bahia seja um projeto recente, em 2013 foi iniciado a primeira turma de Especialização em Metodologia de Ensino para Educação Profissional, a atuação nos CEEPs a nível de ensino médio ocorreu independente da capacitação dos professores para se apropriarem das teorizações sobre as novas relações no mundo do trabalho. Geralmente com formações nas áreas clássicas do ensino, o descortinar das novas problemáticas sócio-econômicas e a inserção no mundo trabalho a partir das novas competências e habilidades que obrigatoriamente refletiram nos componentes curriculares, e passaram a exigir um aprendizado diferenciado ou simplesmente a retomada das teorias econômicas, representaram uma dificuldade assimilativa e no exercício das

5 Trata-se de pensar o trabalho como expressão fundante do homem – ser ético e de direitos à vida. Compreende o trabalho como ação transformadora das realidades, numa resposta aos desafios da natureza, relação dialética entre teoria e prática.

atividades em salas de aula.

Nas entrevistas dos professores, vencidas parcialmente as desconfiças em relação as nossas indagações, responderam superficialmente, mas deixando escapar o desconforto pelo deslocamento de suas respectivas áreas de atuação. Alguns aspectos presentes em outra modalidade de ensino também emergiram das respostas dadas: diversidade de componentes sob suas responsabilidades; ementas e características dos novos componentes; quantidade das aulas e falta de orientações nas reestruturações da linguagem, metodologia e didática da prática de ensino. Essas observações foram recorrentes em profissionais que atuavam fora das áreas tecnológicas. Por outro lado, apesar das pertinentes críticas, os professores consultados se puseram à disposição do aprendizado de novas ferramentas teóricas e práticas na condução do processo de ensino-aprendizagem, não apenas como evidência de seu compromisso com a educação mais também num movimento político e estratégico para que possam garantir seus postos de trabalho. A não flexibilidade e concordância com a política de ensino, pode resultar numa competitividade em espaços da educação nas áreas formativas tradicionais e particularmente para as disciplinas ligadas à Humanidades uma dificuldade imensurável frente a restrição dessas disciplinas nos currículos contemporâneos.

Segundo os dados da pesquisa a ênfase em componentes curriculares como administração geral, economia e mercado, gestão e logística, direito do trabalho, segurança do trabalho, contabilidade, matemática financeira, logística, intervenção social, projetam um conhecimento mecanicista, padronizador, normativa, e segundo uma das estudantes entrevistadas nessas disciplinas aprenderia “meus direitos e deveres, melhores formas para me proteger contra acidentes no trabalho, a fazer o balanço financeiro e os modais”. As disciplinas chamadas humanistas e empíricas não mereceram maiores comentários, ainda que seus conteúdos pudessem perpassar temas como o relacionado à economia e o mercado, direito dos trabalhadores.

Nessas abordagens, caberiam recortes sobre as diferenças raciais e como esses aspectos reverberariam nas relações no mundo do trabalho. Esse tema é pertinente na medida em que essas alunas são representantes de uma parcela da população historicamente discriminada por raça, classe e gênero. As relações no mundo do trabalho estão pautadas pela competitividade cujas nuances podem ganhar dimensão e se tornar fator de exclusão. Perguntadas sobre a existência de alguma abordagem sobre esse aspecto as alunas responderam na sua maioria que sim, mas poucas desdobram a resposta explicando o motivo. Provavelmente, essa economia de palavras esteja relacionada com as dificuldades na escrita e descrição da vivência no ambiente educacional. Nesse sentido, a economia de palavras não pode está relacionada a falta de percepção quanto as relações perpassadas pela questão racial.

Outras questões poderão potencializar esse silêncio, como trauma, a recusa em dispor-se publicamente, o temor dos rótulos, entres outras. Nas entrevistas nas quais

encontramos detalhamentos as alunas disseram o seguinte: Aluna B: “seria uma boa, discutir, pois assim nos conscientizamos a ter o modo de falar, sem machucar ou agir com discriminação”. Aluna C: “existe, porém até o momento ninguém se mobilizou para isso”. Aluna D: “existe sim a possibilidade de discutimos sobre as diferenças étnicas raciais na sala. E ajuda a quebrar os preconceitos raciais”. Aluna E: “sim, estamos discutindo o assunto em Sociologia”. Aluna F: “Existe, pois, melhora nossa convivência com os colegas”. Aluna G: “sim é sempre discutido isso por meio de debates, discussões com a sala inteira, participando”. O exemplo desses depoimentos leva a crer que: Primeiro, na aula de Sociologia e pelas suas características foi teoricamente o lugar que comportou a discussão sobre a questão racial. Dessa forma, asseveramos a importância da formação humanista na educação profissional. O professor de Sociologia que atua nesse universo para além dos conteúdos tradicionais do componente, deve atentar para as relações de interpessoalidade, a realidade social dos alunos e sua origem étnica que se defronta com os estereótipos sociais ao refletirem na seleção para alguns postos no mundo do trabalho, considerando as idealizações de beleza e outras construções sociais que restringem os lugares de promoção e reconhecimento social.

Ao propor uma reflexão sobre as questões étnico raciais na formação profissionalizante, identificamos que as Leis 10.639/03 e 11.645/08 na formação profissionalizante de mulheres negras, sob a perspectiva dos docentes e discentes, não foram alvo de análise nem estiveram de alguma forma inseridas em componentes curriculares que pudessem promover a reflexão nas abordagens dessas leis. Por outro lado, a formação docente e sua contínua atualização denunciam a ausência, dispersão e mesmo a fragilidade argumentativa na condução da questão.

A problemática apontada pelas leis, no universo da formação da Educação Profissional, deve referir-se as questões de gênero e raça enquanto pressupostos racistas que podem levar a inferiorização das profissionais em nível técnico. Acreditamos que apropriasse dos princípios constitucionais da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e nas leis subsequentes, são ferramentas fundamentais para unir as estudantes em defesa do direito de inserção no trabalho, observando-se as habilidades e competências. Ao projetar as premissas da competitividade e das habilidades escamoteando os recortes identitários, corre-se o risco de oferecer um cenário baseado em projeções não realistas contrariando os dados estatísticos de entrada e permanência em postos no mundo do trabalho. Por outro lado, não promover o debate sobre as questões identitárias é eximir-se da oportunidade de promover a autoestima de mulheres negro-mestiças, com suas histórias pessoais e quando muitas já experimentaram direta ou indiretamente a rejeição de suas habilidades em razão do fenótipo.

Considerações finais

Estas são as conclusões preliminares da pesquisa ainda em curso. A divulgação gradativa dessas investigações provoca reflexões na instituição educacional escolhida e estímulo a criticidade das alunas e professores envolvidos. A questão racial emerge não como estopim para os conflitos interpessoais, mas ganha projeção ao promover uma racionalização das nuances à inserção das mulheres negras-mestiças no mundo do trabalho, para além dos instrumentos e capacitação tecnicista em áreas promissoras economicamente. Essas reflexões sensibilizam e sugerem a necessidade de se promover o ensino da Educação Étnico-Racial na Educação Profissional, reconhecendo que seus integrantes e futuros profissionais respondem significativamente pela composição em salas de aula.

Referências

Appiah, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Bauman, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

D'adesky, Jacques. *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

Deluiz, Neise. *Formação do trabalhador: produtividade e cidadania*. Rio de Janeiro: Shape, 1995.

Ferreira, Ricardo Franklin. *Afrodescendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

Guimarães, A. S. A. *Racismo e Anti-racismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

Haesbert, Rogério. Identidades territoriais In: Rosendahl, Zeny e Corrêa, Roberto Lobato. (Orgs.) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu daSilva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Joaquim, Maria Salete. *O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra*. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: EDUC, 2001.

Perrot, Michelle. *Os excluídos das histórias*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

Scott.J. História das Mulheres. In Burke, P. *A escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.

Soares, C.M. *Mulher negra na Bahia no século XIX*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA ,Brasil, 1994.

SITE mergulhenahistoriadobairrosaocaetano.blogspot.com Acesso em 01/10/2016

Cecília Conceição Moreira Soares é professora Titular na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Departamento de Educação Campus I. Coordenadora do **projeto Mulher Negra no Mundo do trabalho: a questão da autoestima e identidade étnico-racial na educação profissional PROET/SUPROF**- Secretaria de Educação do Estado da Bahia - UNEB. Líder do grupo de pesquisa GPMAB-UNEB. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação na UESB e membro do grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Educativas (GEPPE).

Pedro Paulo Fonseca dos Santos é estudante do Curso de Ciências Sociais no Departamento de Educação-Campus I/UNEB. Membro do grupo de pesquisa GPMAB. Bolsista no Projeto.

Antônio Mario das Virgens é egresso do curso de Pedagogia - Departamento de Educação- Campus I, participou da implantação do projeto e permaneceu colaborando com a pesquisa. Membro grupo GPMAB.

Agradecimentos: Nossos agradecimentos à Diretora Geral do CEEP, Professora Eliane Azevedo que abriu as portas da Instituição, sempre solícita e compromissada com a comunidade; aos professores vice-diretores dos três turnos; aos funcionários e a todos os professores e alunos que integraram a pesquisa.